

DO DETERMINISMO ABSOLUTO À TEORIA DE MODIFICABILIDADE COGNITIVA DE REUVEN FEUERSTEIN – UM CONVITE À REFLEXÃO

[From Absolute Determinism to Theory of Cognitive Modifiability of Reuven Feuerstein – Invitation for Reflection]

*Mônica Deorsola Xavier Negri**
*Liliana Maria Labronici***

RESUMO: Trata-se de um estudo teórico-reflexivo que contempla a visão determinista de Laplace de previsibilidade e controle, contrapondo-se à possibilidade da modificação das funções cognitivas de um ser humano pela Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural de Reuven Feuerstein.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia em Enfermagem; Determinismo e modificabilidade cognitiva.

1 INTRODUÇÃO

Objetivando refletir sobre diferentes concepções de como é visto o ser humano, e partindo da crença no seu eterno potencial de mudança, este estudo enfoca o homem como possuidor da capacidade especial de pensar, o que lhe possibilita não apenas conviver com a realidade, mas também conhecê-la. Conhecer a realidade significa compreendê-la, explicá-la e por vezes questioná-la.

Sabemos que os tipos de conhecimento nos deixam muitas dúvidas, ao lado de algumas certezas. Mesmo bem-aparelhado, o homem parece ser limitado em sua capacidade de captar as reais propriedades dos fenômenos e dos objetos.

No decorrer da disciplina sobre as Concepções do Pensamento Filosófico, no Mestrado, pudemos aprender que foram inúmeras as vezes em que filósofos e cientistas proclamaram a “verdade”, para logo em seguida serem contestados por novas descobertas e conclusões, mostrando com isso que não existe verdade absoluta.

Neste sentido podemos entender que a objetividade do conhecimento depende da capacidade de percepção do sujeito e dos meios que possui para ter acesso ao dado

objetivo. Em outras palavras, o conhecimento é limitado pelo “ponto de vista” geográfico, histórico, cultural, técnico e psicológico de quem analisa, isto é, percebemos somente aquilo que está diante de nós.

Parece oportuno partir da premissa anterior de questionamentos e subjetividade, para que possamos colocar de forma paradoxal o conceito de determinismo.

O determinismo no século XIX foi formulado como doutrina descrita pelo astrônomo e físico Laplace, que afirmou a universalidade e a necessidade plena de relações causais da Natureza. Esta doutrina se contrapõe à Teoria da Modificabilidade Estrutural Cognitiva, elaborada pelo educador israelense Reuven Feuerstein, visto que desvincula totalmente a mente ou a inteligência humana de algo mensurável. Para o professor FEUERSTEIN (1980, p.10) qualquer pessoa pode aumentar sua capacidade intelectual, e mesmo crianças deficientes podem ter sua inteligência ampliada, na forma de organizar e utilizar melhor as informações. Sua teoria se diferencia das mudanças biológicas ou maturacionais, que ocorrem como resultado da direta exposição aos estímulos do mundo exterior, e é definida como estrutural, porquanto encerra mudança em parte, mas que afeta o todo funcional da cognição.

Com a justificativa de pensar que podemos ser atores sociais enquanto vivermos, pretendo apresentar a concepção determinista e a de modificabilidade cognitiva em contexto de busca pelo conhecimento; a mensagem otimista, a boa nova, ficará calcada no questionamento sobre o potencial cognitivo do homem, ser dinâmico e imprevisível.

2 DETERMINISMO: O UNIVERSO PREVIAMENTE ESTABELECIDO

O cientista geralmente parte do pressuposto de que todo o fenômeno tem causa. É isto que se denomina princípio da causalidade. Por exemplo, uma doença é efeito ou sintoma de uma causa; compete ao cientista descobri-la e debelá-la, afirma CORREA (2000). Há sempre acontecimentos prévios

* Enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba. Mestranda do Curso de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Paraná. Trabalho realizado para a Disciplina Concepções do Pensamento Filosófico-Antropológico aplicado à Enfermagem.

** Professora Adjunta do Dept.º de Enfermagem. Doutora em Enfermagem pela UFSC.

que preparam outros: chove porque houve evaporação, depois resfriamento e condensação do vapor e assim por diante. Porém o princípio da causalidade supõe, ainda, uma correspondência necessária entre causa e efeito. Sob determinadas condições de calor (causa), por exemplo, a água ferverá (efeito), necessariamente.

Mas dentro desse princípio o cientista concebia a possibilidade do acaso, não como o encontro fortuito de séries de acontecimentos independentes, mas com cada uma delas perfeitamente necessária e causal em si mesma, considera CHAUÍ (2002 p.264).

A correspondência necessária entre causa e efeito denomina-se determinismo científico; é aplicado em vários ramos da ciência tais como a física, a química e a biologia; e favoreceu o desenvolvimento da ciência, nos três últimos séculos, segundo relacionou CORREA (2000); e deu origem, no século XIX, ao determinismo absoluto ou universal, com graves conseqüências para as ciências humanas em geral, e para a filosofia em particular.

O determinismo absoluto ou universal estende às ciências humanas o mesmo princípio aplicado às ciências naturais. Neste caso, o ser humano seria destituído da liberdade de decidir e de influir nos fenômenos em que tomaria parte, fazendo exatamente aquilo que tinha de fazer. A determinação de seus atos pertenceria à força de certas causas externas e internas; no nível mental também vigoraria o mesmo princípio, pois os pensamentos têm uma causa, assim como as ações deles decorrentes. Pensamentos e atos estariam relacionados por impulsos; traços de caráter e experiências caracterizariam a personalidade humana.

Destarte, determinismo é a doutrina que afirma serem todos os eventos – incluindo vontade e escolhas humanas – causados por acontecimentos e esta seria a principal base do conhecimento científico da natureza: a existência de relações fixas e necessárias entre os seres e fenômenos naturais; o que acontece não poderia deixar de acontecer porque estaria ligado a causas anteriores. A chuva e o raio não surgem por acaso; a semente não germina sem razão.

Para ARANHA (1993, p. 298), o mundo explicado pelo princípio do determinismo é o mundo da necessidade, e não o da liberdade.

Necessário, no contexto determinista, significa tudo aquilo que tem de ser e não pode deixar de ser diferente. A escolha livre seria mera ilusão. ARANHA (1993 p.298) cita o próprio trecho em que Laplace resume o seu determinismo:

[Um calculador divino que conhecesse a velocidade e a posição de cada partícula do universo num dado momento, poderia predizer todo o curso futuro dos acontecimentos na infinidade do tempo.]

Este determinismo origina a idéia de mecanicismo, segundo o qual o homem seria previsível e controlável como máquina, ou mecanismo de relógio e, portanto, sem autodeterminação, sem liberdade.

O coração humano se torna uma bomba que obedece a puros princípios de termodinâmica, dentro de um sistema hidráulico/mecânico. Esta era de mecanicismo é chamada freqüentemente Idade da Máquina, um termo arraigado à visão mundial, atuando no papel central ditado por máquinas da Revolução Industrial.

A influência do determinismo também deixou marcas, quando no século XIX, o positivismo, na ânsia de aplicar o mesmo método das ciências da natureza às ciências humanas, o estende a estas, considerando a escolha livre mera ilusão.

Na sociologia retratou-se nas leis, segundo as quais toda a vida humana social se explicaria por três fatores, passa a elencar CORREA (2000):

[...a raça, grande força biológica dos caracteres hereditários determinantes do comportamento do indivíduo; o meio, pelo qual o indivíduo se acha submetido a fatores geográficos bem como ao ambiente sociocultural e às ocupações cotidianas da vida e o momento, pelo qual o indivíduo é fruto da época em que vive, estando subordinado a uma determinada maneira no pensar característica do seu tempo.]

O pressuposto deste pensamento mantém o ato humano preso em si, já que é causado por esses fatores e deles não pode escapar.

Outro reflexo desta visão determinista está na clássica teoria jurista que pretendia, pela análise das características físicas do indivíduo, identificar o criminoso “nato”.

Em relação à religião, Spinoza, filósofo holandês, de acordo com WEATE (2000) acreditava que tudo o que acontecia no mundo fazia parte de um plano divino, e dentro de sua concepção sobre a liberdade, acreditava que o único meio de ser livre seria aceitando o que se é.

3 “NÃO ME ACEITE COMO EU SOU” – REUVEN FEUERSTEIN E SUA TEORIA

Reuven Feuerstein nasceu na Romênia em 1921. Graduou-se em Psicologia e Pedagogia em Bucareste. Mais tarde prestou exames em Licenciatura em Jerusalém. Estudou também em Genebra, Suíça, período em que trabalhou com André Rey e Piaget, e na Universidade de Sorbonne, em Paris. Feuerstein completou seus estudos; diplomou-se em 1952 em Psicologia Geral e Clínica em Genebra; em 1970

fez o Doutorado (Ph.D.) em Psicologia do Desenvolvimento na Universidade de Sorbonne. Suas principais áreas de estudo foram a do Desenvolvimento, a Clínica e a Cognitiva. Desde 1964 ele é Diretor do Instituto de Pesquisas Hadassah-Wizo-Canada, em Jerusalém, Israel.

Mantendo sua convicção na modificabilidade estrutural cognitiva, este autor estimulou durante anos a afirmação “não me aceite como eu sou” ou “não me aceite como eu estou” (1980), possibilitando a pais e profissionais um novo olhar para a pessoa com comprometimentos mentais.

O ímpeto básico para a criação da teoria da Modificabilidade Estrutural Cognitiva não partiu, segundo Feuerstein, de interesse intelectual puro, mas da necessidade muito urgente e vital de encontrar meios para ajudar milhares de crianças, cujo futuro muito dependia de mudança radical nos pontos de vista dos psicólogos, professores, “tomadores de conta” e colaboradores de política educacional, motivo pelo qual iniciou seu trabalho com crianças e adolescentes provenientes de várias partes do mundo, que se preparavam para imigrar para o recente Estado de Israel, na década de 50, incluindo crianças e adolescentes vítimas do holocausto. Feuerstein teve como objetivo maior, primeiramente entender essa imensa população que se apresentava em más condições de aprendizagem e ao mesmo tempo demonstrava baixos resultados em diversos testes de inteligência, para posteriormente modificar. Mesmos os testes mais progressistas prognosticavam futuro muito limitado para esses indivíduos, tanto em termos educacionais quanto sociais e adaptativos.

Os instrumentos utilizados para esta pesquisa demonstravam o fraco nível intelectual, mas não colaboravam no sentido de melhorar o estado cognitivo daquelas crianças. A partir desse momento, Feuerstein começou a se preocupar em elaborar instrumentos que propiciassem suporte psicopedagógico correspondente. Estava lançado o germe da construção dos dois programas constitutivos do seu método: a Abordagem da Avaliação do Potencial de Aprendizagem (Learnig Potential Assessment Device – LPAD) e o Programa de Enriquecimento Instrumental – PEI (Instrumental Enrichment –EI), a partir da aprendizagem mediada.

O LPAD é o procedimento avaliativo dinâmico que procura sondar o potencial cognitivo existente no indivíduo, ainda que ofuscado pelo baixo rendimento intelectual do momento, conceitua FONSECA (1995 p.80). Esta abordagem representa distanciamento explícito dos procedimentos psicométricos convencionais. GOMES (2000 p.186) reitera

que é composto por uma bateria de testes específicos que visam a identificar a capacidade de aprender e determinar em que condições e modalidades o potencial de aprendizagem pode ser acessado.

Para ele o PEI é um programa composto por uma série de instrumentos criados e sistematizados para acessar e facilitar o desenvolvimento das funções cognitivas. Estes instrumentos foram estabelecidos por meio de uma seqüência de dificuldade, tanto em termos de funções cognitivas e operações mentais exigidas, quanto em termos do número de elementos contidos em cada tarefa.

O PEI, para ROS (2002 p. 46), é parte de uma visão calcada na premissa da modificabilidade. Dele faz parte uma série de cadernos didáticos, os chamados instrumentos, os quais são planejados e têm por base mediações que propiciem experiências intelectuais que demandam processos cognitivos superiores.

Ele exige a presença de um mediador que proponha uma ação pedagógica voltada para um mundo de significações e realizações que incluem a experiência prévia do mediado, o saber historicamente produzido pela sua inserção em perspectivas futuras. Essa proposta está interessada no processo interativo e não na aquisição do saber em si como resultado final da instrução, motivo pelo qual, segundo a autora, ele tem efeito cumulativo no decorrer do tempo, visto que a capacidade de aprender do indivíduo aumenta conforme novos desafios vão sendo enfrentados no decorrer do seu cotidiano. Dessa forma as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem não se esgotam no final do programa. Assim sendo, o PEI visa em especial a mediar a capacidade de aprender.

O racional básico da teoria da Modificabilidade Estrutural Cognitiva é reforçar a natureza do ser humano na forma de sistema aberto, sistema disponível e flexível à mudança durante toda a sua vida. O sistema aberto envolve intercâmbio, recebe e emite informação externa e interna; daí a importância da qualidade dos inputs (estímulos) e outputs (respostas), bem como a significação das interações do indivíduo e do seu meio envolvente. Para se atingirem níveis de desenvolvimento, hierarquização e complexidade cognitiva, é necessária uma Experiência de Aprendizagem Mediatizada (EAM), responsável pelas mudanças estruturais da cognição humana.

FONSECA (1995 p.87), ao analisar esse processo, diz que a EAM dá relevo ao mediador, isto é, o ser humano que se interpõe (e que intervém) entre os estímulos e os próprios

indivíduos mediatizados, com a intenção de mediar estes estímulos, adequando-os às necessidades específicas. É importante ressaltar que nem toda a interação e transmissão cultural são elementos de mediação. Neste sentido, GOMES (2000 p.86) comenta que os termos mediador e mediação têm sido amplamente utilizados em vários contextos e, por essa razão, é fundamental determinar os elementos ou as características que constituem condição para uma interação qualificada como mediação.

Segundo FEUERSTEIN (1980 p.20), os critérios fundamentais e universais são estes: intencionalidade por parte do mediador; reciprocidade por parte do mediado; e a transcendência da realidade concreta para posterior aplicação da compreensão de um fenômeno apreendido em outras situações e contextos. Os outros critérios, diferentemente dos três anteriores, não são estruturais ou determinantes, mas são importantes: mediação do sentimento de competência, da regulação e controle do comportamento, do comportamento compartilhado, da individualização psicológica, da busca de objetivos e metas, do desafio que significa a busca da novidade e complexibilidade, da conscientização do ser humano como modificável, de alternativas otimistas e do sentimento de pertença.

A contribuição deste educador na mudança da ótica determinista se resume na sua afirmação de que “os cromossomos não terão a última palavra”. BEYER (2002 p.198) amplia seu campo de ação, quando afirma que esta proposta não se aplica só às pessoas que têm função cognitiva deficiente, mas também na modificabilidade para a solução de problemas independentemente do nível de capacidade ou idade; em diversos países o trabalho se estende a escolas, empresas e comunidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ponderar que não parece duvidoso que as fórmulas escolares e simplistas do determinismo, com que nos contentávamos no século XIX, não são mais válidas, GURVITCH (1968, p.88) citando exemplos de que “as mesmas causas produzem os mesmos efeitos”, “a procura da lei se compreende na da causa”, “as leis causais não conhecem exceções”, “a ordem da natureza é única e universal” e “as relações entre os fenômenos são constantes e permanentes” comprova que elas não são mais aceitáveis para a maioria das ciências.

Entretanto, opina esse autor, toda ciência, explicativa ou descritiva, não pode ser senão determinista, no sentido

de que pressupõe a possibilidade de integrar os fatos que estuda num quadro de conjunto, de coerência definitiva. Surge a necessidade apenas de esclarecimento dos pressupostos efetivos do determinismo, libertado de todo preconceito, de toda igreja filosófica ou científica. A liberdade, segundo o determinismo, orienta para que não se enxergue um bem em si; porquanto, sendo ambígua, pode tanto decompor como construir, rumar para a perversidade como para generosidade, pode voltar-se para o bem ou para o mal, conduzir para a estagnação assim como operar saltos em direção ao progresso.

Já EDWARDS (1964, p.142) relembra a fala de Holbach, determinista rígido, quando este, negando a eficácia causal dos desejos e esforços humanos, assim escreveu: “Você dirá que eu me sinto livre. Isso é ilusão comparada à da mosca da fábula que, vendo-se no topo de uma pesada carruagem, vangloriava-se de dirigi-la. O homem, que se julga livre, e uma mosca que imagina poder mover o universo, enquanto, sem o saber, é ele mesmo quem está sendo conduzido.”

Se acreditarmos no potencial humano, contudo, vamos concordar com ROS (2002, p.55), quando afirma que a modificabilidade não é dom, não é algo natural, que se produz na simples interação do sujeito com o meio socio cultural. Refere-se às interações mediadoras; o homem ele próprio produz-se como ser modificável.

Refletindo, portanto, sobre a autonomia do Homem em conduzir, ou seu aprisionamento ao ser conduzido, devemos ter em mente a sua/nossa permanente história de superação. Concluiremos então no poder deste Homem sobre si mesmo, tendo em sua busca pela liberdade a essência de sua existência.

ABSTRACT: This study comprises determinist view of Laplace based on forecast and control, opposed to the cognitive modification possibility of the human being, considering the Theory of Cognitive Modifiability of Reuven Feuerstein.

KEY WORDS: Philosophy in nursing; Determinism and cognitive modifiability.

REFERÊNCIAS

- 1 ARANHA, M. L. **Filosofando:** introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.
- 2 BEYER, H. O. **O fazer psicopedagógico:** a abordagem de Reuven Feuerstein a partir de Piaget e Vygotsky. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- 3 CHAÚÍ, M. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 2002.

- 4 CORREA, A. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000.
- 5 EDWARDS, P. **Determinismo e liberdade na era da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
- 6 FEUERSTEIN, R. **Instrumental enrichment and intervention program for cognitive modifiability**. Illinois: University Park Press, 1980.
- 7 FONSECA, V. **Educação especial: programa de estimulação precoce – uma introdução às idéias de Feuerstein**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- 8 GOMES, C. **Feuerstein e a construção mediada do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- 9 GURVITCH, G. **Determinismos sociais e liberdade humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.
- 10 ROS, S. Z. **Pedagogia e mediação em Reuven Feuerstein**. São Paulo: Plexus, 2002.
- 11 WEATE, J. **Filosofia para jovens**. São Paulo: Callis, 2000.

Endereço do autor:
Rua Eunice Weaver 130 – casa 3 – Campo Comprido
81220-080 – Curitiba – PR
E-mail: hnegri@uol.com.br